



**Literatura Infantojuvenil e formação para os valores:
po-ética de aproximação**
*Children literature in the construction of values:
po-ethics of approaching*

Joana CAVALCANTI¹

Resumo: Acredito ser importante nos situar relativamente ao tema proposto como espaço de reflexão para se pensar sobre a infância a partir de uma poética que se articula, de um modo geral, com as várias dimensões da educação. Tal poética pode ser considerada como um sistema ou conjunto de idéias destinado à compreensão do universo da infância, englobando alguns aspectos referentes à educação ética e moral das crianças. Contudo, a proposta assenta numa reflexão com vista à função da Literatura para a Infância na construção do sujeito e sua visão de mundo. As idéias aqui expostas se apoiam em autores advindos da Teoria do Conhecimento, da Teoria Literária e da Psicologia.

Palavras-chave: Po(ética). Infância. Literatura para a infância. Ética. Formação para os valores. 'Boa vida', 'saber fazer', 'querer fazer'.

Abstract: It is important to place ourselves in relation to the proposed theme as a space of reflection to think about childhood starting from such poetry that articulates broadly with the various dimensions of education. Such poetry can be considered as a system or set of ideas for the understanding of the childhood universe, encompassing some aspects related to ethics and moral education of children. However, the proposal is a reflection regarding the role of Children Literature in the construction of the subject and their world view. The ideas presented here rely on authors coming from the Theory of Knowledge, Literary Theory and Psychology.

Keywords: Po(ethics). Childhood. Children literature. Ethics. Values development. 'Good life', 'know-how', 'want to do'.

A infância como espaço po-ético – construindo sentidos por meio da literatura

Da infância ninguém se cura².

(Gaston Bachelard)

O lugar da infância e sua universalidade

A infância enquanto espaço simbólico representa mais do que um estado de direito, representa um estado de ser. Cada um de nós, quando pensa sobre a infância, não pensa numa infância qualquer, mas numa infância que nos habita como

1 Professora, escritora, doutora em Teoria da Literatura, especialista em Literatura Infantil e Juvenil, professora coordenadora da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti/ Porto, investigadora nas áreas do conto e a psicanálise, escrita criativa, educação intercultural, identidades, culturas e linguagens. Coordenadora da Unidade de Línguas e Culturas - ESEPF - Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti; integrante do CIPAF – Centro de Investigação Paula Frassinetti, e do CEDH - Centro de Desenvolvimento Humano da Universidade Católica Portuguesa.

2 BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

estado de permanência, tal como afirma Bachelard (2001).

A reatualização da infância, tão recorrente na obra de muitos pensadores e artistas, aponta para o fato de que a produção artística tem o seu princípio mágico no universo da infância, ou seja, numa memória afetiva abrigada no começo de cada um enquanto história de vida.

Não me parece ser exagero inferir que quase toda a produção resultante da vida adulta seja influenciada pelo que se experimentou no período da infância como sendo relação afetiva, interação com o outro, construção de significado para a vida e o que se pode constituir como potência de futuro (devir).

Talvez seja necessário questionar o espaço da infância a partir de alguns vetores que não somente perspectivam a infância como conceito a ser compreendido, interpretado, interrogado, explorado, revisto, enquadrado cientificamente, mas também como lugar simbólico de onde emerge a voz que se ouvirá por toda a existência, ainda que no indizível de cada um de nós.

É possível que essa voz irrompa o nosso cotidiano de adulto (pre)ocupado e nos fale de nós mesmos pela voz dos poetas ou dos artistas. Vários autores e investigadores comungam a idéia de que a criança em muito se assemelha ao poeta. É provável que este paralelo incida no pressuposto de que a brincadeira da criança é algo muito próximo da invenção do artista. Evidentemente, que com diferenças profundas e norteadas pelas capacidades de atribuição de sentido, bem como de representação e apropriação da realidade. Entretanto, a voz do poeta existe na voz da infância e a voz da infância na voz do poeta.

Consciente de que a conceitualização de infância não é universal e sofre alterações históricas contínuas, pois a infância enquanto categoria faz parte do mundo moderno, ainda assim considera-se, conforme o psicólogo Jean Piaget (1932), que consiste numa etapa com características universais de desenvolvimento cognitivo e psíquico.

Desde a antiguidade, a infância tinha um estatuto diferenciado, embora fosse vivida durante um período menor, pois em muitas sociedades ser criança não ultrapassava (sabe-se que isso ainda acontece) aos oito/dez anos de idade. Contudo, ainda assim, não se pode perder de vista que a infância, nas variadas culturas e épocas, era e é vista como o período basilar da vida do sujeito.

Pensar na infância e criar para crianças exige um esforço de natureza lúdica, um retorno à própria meninice, uma evocação aos tempos de criança, às memórias de experiências significativas.

Reconheço que conceber uma poética para a infância é um trabalho de natureza investigativa para toda uma vida. Por isso, avalio o tema apenas como uma intenção provocadora para se falar da questão da formação de valores e da ética que se veicula por meio dos diversos tipos textuais da Literatura que se destina a crianças e

jovens.

Refliro sobre a infância a partir de algumas dimensões subjetivas e simbólicas, estas compreendidas como necessárias ao que chamamos de despretenso esboço para uma po-ética de construção e aproximação entre a produção literária e o leitor criança, a partir de uma ética promotora de valores imprescindíveis ao bom desenvolvimento humano e social.

É-me fundamental perspectivar a experiência do ser criança como uma semiótica geral da infância. Assim, recorro às obras de alguns artistas que fundem o fazer da infância com o fazer poético, sustentados a partir dos lugares ontológicos que se constituem como caminho para a construção de um ser que se pensa, que se constrói e reconstrói por meio de múltiplos processos e realidades, inclusive do espaço poético.

A escrita poética e a representação da infância

(...) meu avô demorou muito a chegar (...). Um dia, ele viajou para longe (...) e eu logo compreendi que o meu Mestre nunca mais iria voltar. Ele havia deslindado como nos contos de fadas. Entretanto, antes de partir deixou-me seu bem mais precioso: a mala cheia de afecto, de histórias e com uma alma de poeta dentro, assim ofereceu-me a aprendizagem mais importante que é a busca de sentido para a vida (CAVALCANTI, 2005, p. 45, 46).

Percebo a infância como princípio e devir, assim como espaço para o surgimento do ser em seus variados tempos e, sobremaneira, na pluralidade de aspectos que dirigem o processo de formação e reconstrução de identidades, estas fundadas durante cada período vivido e inauguradas a partir do nascimento. Ora, quando se fala de construção do ser humano não se pode fugir da abordagem ética e da formação dos valores, pois, ao longo da vida, se aprende a viver a partir de uma relação estabelecida com a vida, com o Outro e com o mundo.

Assumo o ponto de vista de que o ser ontológico nasce com o ser enquanto projeto de vida e de futuro. O ser é no tempo e na experiência vivida em seus contextos. Portanto, o ser é interioridade que se expande para além dele mesmo, numa necessidade imanente de se prolongar e expressar na medida em que constrói a sua subjetividade. Logo, o ser humano é também exterioridade e tal condição é fundamental para olhar e compreender a realidade.

Não basta ao ser ontológico contemplar a casa, o jardim, a árvore, o mar, a terra, os pássaros e todo o resto que compõe o seu imaginário. Mais do que intuir, ele quer descobrir, desvelar e conhecer, para que, assim, o exterior seja a extensão do interior.

Para pensar no ser a partir dessa perspectiva, convido os leitores a ouvir a voz

dos poetas e pensadores que, ao se reinventarem pela palavra, também inventam permanentemente a “palavramundo” (FREIRE, 1982). No devaneio de ser árvore, fruto, jardim, quintal, água, flor, pássaro, mar, terra e raiz, muitos artistas partem da realidade vivida em sua infância para fundar novos mundos e começos.

Da voz do artista brota a cosmogonia que reúne os sonhos, os desejos, os afetos e as faltas da infância. Nesse sentido, a infância é rodeada por arquétipos universais de cosmos, enquanto imagem de evento numinoso, epifânico e inicial. O ser da infância é o ser que pergunta para poder conhecer e saber sobre o mundo, não somente para utilizar o conhecimento, mas para dar sentido àquilo que vê. Sendo assim, necessita de respostas que, em vez de saciar a sua curiosidade, estimulem-no a ir em busca do contínuo exercício de conhecer e conhecer-se.

Poderia citar muitos escritores que utilizam o espaço literário para reinventar ou reatualizar as suas próprias infâncias, as marcas do passado vivido no âmbito da família e da casa. Tais autores nos oferecem a oportunidade de reviver nós mesmos uma infância já ausente. Para exemplificar tal ideia, eu recorro a *As Pequenas Memórias* de José Saramago:

Já não existe a casa onde nasci (...) esse mágico casulo onde sei que se geram metamorfoses decisivas da criança e do adolescente. Essa perda, porém há muito tempo deixou-me de me causar sofrimento porque pelo poder reconstrutor da memória, posso levantar em cada instante as suas paredes brancas, plantar a oliveira que dava sombra à entrada, abrir e fechar o postigo da porta da cancela do quintal (...). 'Avó, vou dar por aí uma volta.' Ela diz: 'Vai, vai.' (...). (2006, p. 18).

O autor relata sua experiência de família ao traduzir sua saudade na imagem da '*casa que não existe mais*' e com plena consciência de que a família é um 'casulo mágico' no qual aprendemos a dar os primeiros passos para a transformação. Mesmo quando a casa da infância significa o perdido e a ausência, ainda resta a memória como patrimônio do sujeito e a garantia de que muito do que somos é o resultado do vivido nas instâncias da infância.

Autores e investigadores como Freud, Bellamin-Noel, Fritzgerald, Auster, Pennac, Barthes e Bachelard, entre outros, conduzem seus estudos para pensar na infância como período de gestação do futuro, não apenas como lugar embrionário do sujeito, mas a sua própria gênese. Assim, o que se vive e se aprende na casa-casulo, na sociedade e na cultura durante a infância possui o valor de permanência.

Quando admiramos a infância ficcionada estamos a realizar o jogo do espelho, e o Outro que vemos reflete, também, aquilo que nos pertence. Assim, as imagens da

casa, da árvore, dos objetos, se convertem em algo nosso e nos remetem para uma promessa de futuro. Sim, a infância já não existe para além da memória, mas ela está lá como real perdido. O texto literário nos confere o poder de trazer para nós, por meio de imagens metafóricas, pedaços da infância e do mundo que nela habitava; assim, nos conforta saber que

Alguns objetos, misteriosamente, me acompanham ao longo da vida, sem lógica nenhuma: um prato fundo de louça inglesa, com desenhos azuis – tudo o que sobrou do aparelho de jantar da minha casa da infância, como se nele coubesse a casa inteira e seu cheiro (...). (MURRAY, R., 2006, p. 35).

Novamente a casa, os objetos e a saudade, representados pela construção poética da autora Roseana Murray, surgem e revelam o sentimento de que na infância tudo é promessa e que o mínimo do que conseguimos carregar dela se torna tudo, mesmo que seja uma parte da louça, a lembrança de uma mesa ou a presença inesquecível de um adulto que nos olhava e cuidava. O sentir-se protegido até podia provocar a manifestação do sentimento de uma gratidão que é necessária para o apaziguamento com o mundo. A obra de arte, mais do que a repetição de um mundo, tem o poder de fundar novas realidades. Estas realidades são sugeridas a partir de modelos pré-existentes e reconstruídos; portanto, a literatura nos concede o poder de entrar no mundo do Outro nos tornando o Outro. Tudo faz parte do jogo, do fazer de conta que a vida vivida pela personagem possui algo que é verdadeiramente nosso, embora que de fato não seja, poderia ser. Não existe absurdo no jogo, apenas possibilidade.

Literatura Infantojuvenil e construção de sentidos: o sentido poético e o sentido ético

À medida que o leitor recolhe as diferentes perspectivas oferecidas pelo texto e relaciona opiniões e assuntos uns com os outros, o leitor coloca a obra em movimento e com ela coloca-se a si próprio.³

Desde sempre, a infância, independentemente de questões históricas e sociais, esteve relacionada ao mágico e ao que há de mais puro em nós, marcada e inscrita no atemporal – no lugar do sempre – na *casa de parte nenhuma* (ENDE, M. *apud* PORTILLO, 2005). Lá onde mora um menino ou uma menina que deseja, mais do que tudo, o amor, o respeito, a redenção, a liberdade, o sonho. Portanto, como já foi

³ ISER, W., 1978, *apud* FILLOLA, 2001, p. 21.

referido, considero a infância como lugar ontológico, abrigo do ser, logo, um espaço que deve ser olhado a partir de uma ética preocupada e comprometida com a formação integral das crianças. Uma ética plasmada na construção de sentido para a vida.

Por outro lado, nessa '*casa de parte nenhuma*' (Idem, *ibidem*) também vive um menino ou uma menina, que na sua meninice de brincadeiras e no colo morno de um adulto próximo ouvia uma voz íntima a lhe contar uma história ou cantar uma canção. Era como se fosse um presente de amor, com o qual se podia ouvir alguém dizer: – "*Estou aqui*". Um momento que parecia mágico e seguro, onde o sentimento de verdade assegurava o futuro e espantava a angústia, a tristeza e os medos.

Na infância, um dos maiores desejos é o de crescer, mas também crescer é um dos maiores medos, e a presença de um adulto significativo pode assegurar que se pode crescer para se ser feliz. Para muitas crianças o medo não é apenas o de crescer, mas de viver. Pois, nem sempre há o colo, a voz, o ninho. O que resta da infância de alguém que não pode viver o direito à família e à proteção, ao afeto, ao alimento, ao brincar, à educação, o direito ao direito de ser criança? Como muitas crianças do mundo inteiro podem se tornar pessoas para a paz e para o bem, se não lhes foram garantidos os direitos básicos para viver a sua própria condição de infância? Como se tem preparado o futuro das crianças para que estas alcancem o máximo da 'expansão de si' mesmas e sejam pessoas éticas?

É possível encontrar respostas para as questões colocadas, mas não tem sido fácil encontrar o caminho para que todas as crianças possam ser respeitadas nos seus direitos básicos. Isto acontece por motivos diversos e de natureza complexa, mas sobretudo porque a ética que encoraja as instâncias do poder público e social é frágil e se descuida de fatores importantes relacionados à infância. Como esperar que o mundo melhore, se não apelarmos para uma ética da reciprocidade, da autonomia e da vontade?

Não existe possibilidade de educar para uma ética que norteie para o bem de todos sem que todos se comprometam com a educação das crianças e o princípio de reciprocidade, no qual a razão da inteligência, a razão psicológica e a razão moral se articulam para tecer o caminho e dar conta de toda a complexidade do mundo moderno.

Considero que, mesmo sendo o imaginário da infância formado a partir da crença de que aí se vive um mundo encantado, tal fato não é verdade, pois o espaço idílico, o paraíso perdido não parece ser tão perfeito assim, e por isso a criança precisa de ajuda para crescer bem.

É paradoxal que o desejo de crescer confronte-se com o querer permanecer criança, mas não é de todo incompreensível, pois atravessar o muro da infância para se tornar um adulto bem-sucedido, justo e íntegro consiste num dos maiores

desafios enfrentados pelo ser humano. Assim sendo, os princípios éticos e morais devem aflorar desde os primeiros anos de vida, tornando-se algo inevitável para que se possa, mais do que interiorizar regras e normas de conduta, vivê-las. Pois, o ser ético implica um desejo intrínseco motivado pela razão e afetividade, sendo assim composto pela reflexão, organização e o discernimento comprometidos com a ação de reciprocidade.

Tal fato possibilita a compreensão que se deve respeitar o Outro numa relação de alteridade, sem esquecer que os Outros refletem o que somos. Portanto, a ação que fira o Outro na sua dimensão de ser nunca pode ser benéfica, nem para o pessoal, nem para o coletivo.

O crescer é quase sempre problemático, pois está implicado numa relação com o desconhecido, em ter de perder ou abandonar alguns aspectos da vida que nos garantem equilíbrio e segurança, para ter de assumir compromissos e responsabilidades face aos múltiplos segmentos da organização social e coletiva. Crescer exige autonomia e compreensão de que a emoção deve se abrir para a razão e vice-versa, servindo como caminho para que o sujeito se aproprie devidamente de uma reflexão acerca do bem e do mal, não a partir de valores que podem servir aos mais diversos interesses, mas para uma ética do 'viver bem' como garantia da 'expansão de si'.

Reconhecer a importância da articulação entre as várias dimensões da infância nos permite estabelecer uma po-ética da infância ancorada em áreas de fundamental interesse quando se trata da educação de crianças, nomeadamente a Literatura Infantojuvenil, visto que esta se constitui como um sistema capaz de utilizar vários códigos, convidando para uma rica experiência simbólica ao permitir o acesso da criança aos possíveis mundos de si e do Outro, pois é importante lembrar que "(...) ensinar a ler é ao mesmo tempo formar a criança (e o jovem) na técnica do voo, revelar-lhe este prazer e permitir que o mantenha" (MORAIS, 1997, p.272).

Desde os primórdios que a humanidade se representa através da arte e da palavra. O homem das cavernas, que contava as suas histórias fazendo desenhos nas paredes de uma caverna, possivelmente também fazia suas tentativas de prolongamento de si através de outras linguagens, até que um dia descobriu a palavra e, a partir de então, tudo se converteu em história, em narrativa, em congruência com o Outro, algo que tem a ver com o desejo de extensionalidade.

Defendo a ideia de que um dos caminhos mais eficientes para se formar pessoas críticas e conscientes seja o de aproximar a criança de propostas criativas, sendo a leitura de histórias uma das mais eficientes formas de se aprender a ética e os valores com prazer, tendo a oportunidade de articular as vivências pessoais com as ficcionais, conforme o autor Jean Foucambert (1994), pois as experiências advindas dos contextos sociais antecipam a leitura da palavra e, sem dúvida, a polifonia do

texto literário promove a capacidade de interação com o mundo por meio das múltiplas linguagens, como tão bem refere Bakhtin (1997).

Proponho a Literatura Infantojuvenil como um importante espaço para a aprendizagem da vida, da experiência do lúdico, do fantástico, enfim, uma das melhores formas para educação estética e sensibilização humana, podendo ser um lugar de convergência, subversão e beleza, mas, sobretudo, de interação entre o interior e o exterior. Como afirma Nelly Novaes Coelho (2000), a Literatura pode se constituir num grande “eixo ou tema transversal” para a construção de visão de mundo.

A seguir, realizo uma abordagem que inclui algumas idéias acerca da Literatura Infantojuvenil e suas possibilidades como sistema que agrega as mais variadas dimensões do sujeito.

Sentidos – da Literatura Infantojuvenil à construção de valores

O livro faz sentido e o sentido faz a vida.⁴

Sem intenção de aprofundar o percurso histórico da Literatura, lembro que muitos estudiosos afirmam que a origem da narração de histórias (mitos, lendas e contos) tem a ver com a necessidade de compreender a realidade e emprestar-lhe sentido, mas também com a necessidade de regular a vida em grupo, em sociedade. Logo, é possível que desde sempre as histórias tenham sido um instrumento poderoso de formação ética e moral, bem como de humanização.

As histórias nascidas na oralidade possuem características estruturais muito bem definidas e estão envolvidas na necessidade de se colocar “ordem” no mundo, explicar o incompreensível, ordenar o caos, preservar a memória coletiva, mas, principalmente, de buscar sentido para a vida.

De maneira geral, considera-se que as raízes históricas da Literatura Infantojuvenil estão alicerçadas na Literatura Oral advinda do Oriente e difundida no Ocidente durante a Idade Média. Esta Literatura se constitui quase sempre pelo conto, possuindo uma estrutura muito simples e direta, mas bastante motivadora, na medida em que convoca o leitor para pensar sobre a realidade a partir de metáforas representativas de arquétipos universais, como o bem e o mal, a dor e o amor, a felicidade, a justiça, a liberdade... Portanto, pode-se afirmar que a Literatura para crianças e jovens possui uma axiologia que permite a construção de conhecimento acerca do mundo, bem como a interiorização de regras e princípios básicos do funcionamento da vida coletiva, mas, sobretudo, proporciona uma experiência ética e estética que transcende o individual.

Encontrar sentido para a vida não é uma tarefa fácil, bem como o entendimento

⁴ BARTHES, 1983, p. 177.

acerca do mundo não o é. Entretanto, a Literatura proporciona a vivência de sentimentos por meio das personagens, da trama e do tecido das múltiplas linguagens que constituem o texto literário. É possível ser o outro sem ser o outro. É possível experimentar a alteridade e identificar-se com o drama e os sentimentos vividos pelas personagens. É possível conhecer muitas pessoas, lugares, culturas e tempos, apenas abrindo a porta do “Era uma vez...”. É possível transcender a nossa precária existência, para viver tempos, lugares, experiências, sentimentos e mundos, sem que se saia fisicamente do próprio mundo, ou seja, da própria existência.

Partilho da ideia de que, se a Literatura é arte e representa a vida nas suas várias dimensões, por meio da (re)invenção da realidade, ao apelar para processos requintados de criação, então não pode ser reduzida à sua função pedagógica, embora esta esteja subjacente desde o seu princípio. Considero que a sua principal função seja a de se oferecer como espaço de fruição, de partilha, de identificação com o Outro, convertendo-se em movimento dinâmico de troca, de sensibilização das humanidades e de busca de construção de sentido para a vida.

Evidentemente que ao referir tal espaço tenho a consciência de que aí se reúnem várias dimensões, desde a estética e afetiva às que dizem respeito, mais diretamente, à educação para a construção de valores básicos e universais, necessários à convivência e conjunção amorosa, portanto, a ética como dimensão da 'vida boa', 'vida com sentido' no dizer de Yves de La Taille (2006), porque se implica na intelectualidade (moralidade, afetividade) presente na moral.

A grande questão é como não reduzir a grandeza da Literatura às intenções pedagógicas, pois isso pode se tornar o fracasso na formação de leitores questionadores, transformadores e inquietos. Como não tornar as histórias um mero instrumento para educar ou ensinar valores, sem destituí-las da sua essência primeira de ser invenção, criação, representação e sentido é uma questão ainda controversa, mesmo nos dias atuais, embora seja possível se aproximar a estética da ética sem empobrecer suas dimensões e diferenças.

As histórias ensinam naturalmente, se forem bem contadas e assentes em aspectos estruturantes das narrativas, os quais permitem a afirmação de serem ou não textos literários. Se apelarmos para a Poética da Literatura Infantojuvenil, teremos de considerar todo o seu sistema como algo bastante abrangente, quer do ponto de vista histórico e da sua estratificação, quer do ponto de vista da sua criação, autoria e recepção.

A Literatura Infantojuvenil é um gênero articulado por princípios básicos, tendo como intenção alcançar um público específico e com características definidas, tais como: linguagem, grau de maturidade, experiência de vida, aspectos cognitivos, psicológicos, neurofisiológicos, entre outros.

Por outro lado, e a par de todo o mau uso que se fez da Literatura destinada às

crianças, desde a sua concepção como um sistema próprio, reconheço o seu papel pedagógico e a sua eficácia na educação, mas questiono a forma de como, na maioria das vezes, a escola se apropria do texto literário instrumentalizando-o como se fosse um manual qualquer.

Compreendo que uma personalidade ética se constrói desde a infância e que a Literatura pode (e muito) colaborar, tanto na dimensão intelectual do 'saber fazer', como na dimensão afetiva do 'querer fazer'. Considero que a criança necessita desenvolver uma moral intelectual que se constitui em objeto de conhecimento social (regras, normas, moral, valores), que se articule com uma moral afetiva capaz de despertar o senso moral (sentimentos como medo, indignação, vergonha, amor, simpatia, confiança, indignação, culpa...), para que seja traçado o caminho da formação de uma 'personalidade ética' que se compromete com o auto-respeito e o respeito pelo Outro.

Acredito que a moral e a ética, independentemente das suas correntes filosóficas e das possibilidades conceituais, que variam de acordo com o tempo, as sociedades e os contextos (tempo, espaço, cultura), assentam na articulação entre a razão e a afetividade, entre o 'saber fazer' e o 'querer fazer'.

As concepções acerca da Ética são tão plásticas e subjetivas quanto às concepções acerca da Arte e da Literatura, por isso não me proponho a conceitualizar e enquadrar qualquer uma delas, pois isso demandaria caminhar por muitas correntes estéticas e filosóficas.

Para além das circunstâncias históricas e sociais, penso que se pode confiar nos caminhos que promovem a articulação entre a moral intelectual e a moral afetiva, ou seja, a confiança na 'sabedoria biológica', na 'disciplina' necessária, na 'afetividade' e na importância do 'banho cultural' para a construção de uma 'personalidade ética'.

Ora, neste sentido a Literatura pode ser vista como espaço oportuno, especial e amplo para abrigar as diversas dimensões do carácter humano. Aprende-se com a Literatura a conhecer o Outro e, sobretudo, a se (re)conhecer no Outro.

Desde sempre que as histórias, simbolicamente, tocam em questões da natureza humana de ordem universal, portanto, traduzem uma visão de mundo e aqui se podem inserir a moral e os valores que possibilitam o desenvolvimento social, a convivência pacífica, o respeito à vida, a experiência do sagrado, o sentimento pela coletividade e pela pátria, a procura do bem e do belo, a liberdade e a justiça...

Os contos tradicionais são um belo exemplo da busca de sentido para a vida, bem como da utilização de símbolos como estratégia para a regulação da vida pessoal e coletiva. O próprio 'final feliz', tão característico deste gênero, é importante para confirmar a supremacia do bem sobre o mal, a superação da dor pelo amor, a redenção e a esperança.

Os heróis dos contos são pessoas que amam, sofrem o abandono, o medo, a vergonha, a perda, a separação, a ingratidão e a gratidão, a dor, a culpa, a angústia e os seus dilemas, para depois alcançarem a felicidade de maneira plena e confiante. Esses nos ensinam que somos seres precários, mas capazes de superação, se formos capazes de justiça, força, confiança. Logo, as tramas que envolvem tais personagens estão envolvidas em princípios éticos e morais de valorização da vida e do ser humano, norteados por uma motivação interior, e não pelo medo do castigo.

As personagens que correspondem aos arquétipos representados pelos heróis são 'pessoas' que superam e alcançam um nível maior de espiritualidade humana. Esta é a recompensa para uma 'vida boa', decorrente do 'saber fazer' e 'querer fazer'.

Outro aspecto importante dos contos tradicionais é que o herói só alcança este estatuto se conseguir a autonomia necessária para se aventurar rumo à conquista. De acordo com Yves de La Taille (Opus cit, p. 16), “A autonomia é a superação dessa moral da obediência a algo exterior ao sujeito”, é o espaço de conquista da reciprocidade e do espírito de cooperação. O herói só nasce se houver a cooperação de outros agentes, ele só existe na interação social, embora muitas vezes para alcançar a sua individuação e autoconhecimento, precise caminhar sozinho pela floresta, pelo deserto ou pelo interior de si mesmo. Contudo, existe quase sempre a ajuda de um auxiliar mágico.

A ética exige a reflexão crítica e a ação consciente sobre a realidade, demandando relações simétricas de reciprocidade. Desta forma, a moral como princípio ético deve ser pensada não como dogma, mas como caminho para a 'boa vida'. Entendo que se pode questionar que o que é bom para um grupo pode não ser o ideal para o outro, mas quando se fala em 'boa vida' é no sentido que apela para ideais universais que valorizam a vida como bem maior, do conhecimento de si e dos Outros como travessia para a afetividade, do respeito como caminho para a superação da diferença, da interação como condição para a vida social e da reciprocidade como garantia de que somos iguais.

A eficácia da Literatura Infantojuvenil na formação de valores consiste no fato de que a ordem aí estabelecida respeita os princípios de realidade, mas oferece poções de prazer por meio da sua construção estética. O apelo feito pelo jogo literário promove o desejo de buscar sentido para a vida, de exercitar a imaginação e construir um novo olhar acerca do mundo. Tudo isto gratifica a criança na busca legítima de se expandir e ampliar a sua visão da realidade.

Sendo assim, considero que o texto literário pode ser eficaz na concepção de uma 'personalidade ética' não porque a sua intenção seja pedagógica, mas porque a sua intenção é poética e faz um convite à reflexão, oferecendo-se como espaço (po)ético para se pensar na vida de forma ampla, holística e ressignificada.

Passo às considerações finais, com a certeza de que muito ainda precisa ser

estudado e considerado para se construir bases sólidas relativamente à utilização da Literatura Infantojuvenil como promotora da ética e dos valores na formação das crianças e jovens, pois é certo de que o poder do texto literário consiste naquilo que o mais caracteriza como lugar simbólico, salvaguardando a confiança de que o mundo pode ser seguro, que cada pessoa é ímpar e singular, bem como transcendente na sua busca de felicidade.

Considerações finais

Uma certa vez, o avô visitou a casa dos seus filhos, sentou-se na sala e ordenou que o neto saísse. Queria falar, a sós, com os pais da criança. E o velho deu entendimento: criança é como amor, não se desempenha sozinha. Faltava aos pais serem filhos, juntarem-se miúdos com miúdo. Faltava aceitarem despir a idade, desobedecer ao tempo, esquivar-se do corpo e do juízo. Esse é o milagre que um filho oferece – nascemos em tempos nunca havidos. E mais nada falou (...) (MIA COUTO cit CAVALCANTI, 2005, p. 77).

Uma poética da infância exige o compromisso de olharmos para diversos segmentos sociais, que são lugares simbólicos, e também fazer uma arqueologia do nosso próprio passado, apelando para uma reconstrução que se pode metaforizar por meio da linha de tempo de cada sujeito, enquanto percurso e trajetória.

Convocar a nossa criança e fitá-la no fundo dos olhos nem sempre é tarefa fácil, pode fazer parte de um confronto difícil, mas certamente superável. Para além dos sentimentos de pesar e nostalgia, de medo do perdido, dos sentimentos reatualizados, ainda se pode e deve mirar

(...) uma infância anónima, puro foco de vida, vida primeva, vida humana primeira. E essa vida está em nós. (...) O arquétipo está ali, imutável, imóvel sob os sonhos. (...) Os grandes arquétipos das potências paternas e maternas retomam sua acção. (...) Uma infância no seu valor de arquétipo é comunicável. Uma alma nunca é surda a um valor de infância (BACHELARD, 2001, p. 120).

Possivelmente as ideias acima referidas serão confirmadas por qualquer adulto que esteja sensível ao período da infância, pois não se pode esquecer de que este é estruturante para o sujeito, pois é a partir daí que o mundo brota e se amplia. Assim, a família e os adultos com quem a criança convive são modelos referenciais com os quais buscará se identificar. Se a criança cresce em segurança e incentivada a conquistar a sua autonomia, partindo de valores que fortaleçam a sua dignidade,

provavelmente se tornará um adulto comprometido com a ética do 'viver bem'.

Sem dúvida, a criança só aprende e interioriza valores se estes forem apresentados como uma experiência vivida e que não basta apenas ser sentida, pois também necessita de ser pensada. Assim, torna-se fundamental que tais valores sejam vividos pelas figuras de autoridade, que em geral se constituem em modelos. A importância do herói ou do protagonista dos contos para crianças reside, também, no fato de que este é um modelo de superação, pois será ao passar pelas provas que lhe será concedida a vitória para que possa ascender ao estatuto de herói, aquele que é capaz de portar a luz, a sabedoria, a força, o amor e a dignidade. Portanto, o que interessa nos valores assumidos pelo herói passa por uma tradução da ética que se deve construir como base para um mundo justo. A grande valia da narrativa é que o herói transfere a sua aprendizagem para a criança por meio de símbolos, nunca com a intenção de ensinar, visto que ele próprio é uma alma que busca a redenção.

As ideias esboçadas consistem num apelo ou convocação para se pensar na infância como lugar de emergência de todo o ser, incluindo o dever de se ouvir a voz da criança ao falar de si e de suas necessidades, mas também o compromisso de educá-las para a vida pessoal e coletiva, nas quais se inserem os direitos e os deveres, a percepção do Outro como movimento de identificação/interação. Além disso, toda a sociedade deverá criar novas sensibilidades para compreender o processo de crescimento da criança e do jovem no mundo contemporâneo, pois isto implica preparar o futuro. Todos devem ser agentes dinâmicos na condução de práticas de convivência que respeitem a ética de uma 'vida boa' que garantam o sentimento de reciprocidade. Não podemos negligenciar que a realidade vivida na infância, provavelmente, será o fio condutor para a (re)invenção da vida futura, pois não se pode esquecer que “Em nós, ainda em nós, sempre em nós, a infância é um estado de alma. Quem não se lembra (...) De uma árvore, de uma casa ou de uma infância?” (BACHELARD, 2001, p.125).

É possível que cada adulto recorra com frequência às imagens da infância, paisagens eternizadas no mais íntimo e particular 'Museu do Tempo' (PORTILLO, 2005), onde moram lembranças significativas para o reconhecimento daquilo que somos e desejamos ser. Cuidar da infância é cuidar do ser a partir de um lugar que é ontológico e, somente por isso, merece dignificação.

Desta forma, a Literatura Infantojuvenil é proposta como objeto capaz de exercer funções essenciais na condução da educação ética das crianças, constituindo-se como um belo espaço de convivência para o leitor, mediadora da realidade, do autoconhecimento e respeito, além de sensibilizar para a razão e a emoção, para o pensar e o sentir.

Para uma Po-ética da Infância necessitamos refletir sobre muitos aspectos que envolvem o desenvolvimento humano, sobretudo aqueles que se colocam como

espaços de produção e criação para novas mentalidades. A literatura destinada às crianças pode em muito colaborar para a consolidação de valores condutores de um mundo organizado e estruturado, alimentando princípio de reciprocidade e amorosidade. Estes princípios oportunizam a criação de novas relações com o Outro e favorece a compreensão de que o Outro é também um 'pedacinho' de nós mesmos.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Lisboa: Edições 70, 1983.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BASTOS, Glória. **Literatura infantil e juvenil**. Lisboa: Universidade Aberta, 1999.
- BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objectiva, 2001.
- BONBOIR, A. (1970). **Pédagogie corrective**. Paris: P.U.F., 2001.
- BORGES-DUARTE, Irene. **Texto, leituras e escrita**: antologia. Porto: Porto Editora, 2000.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.
- _____. **E foram felizes para sempre?** releitura dos contos de fadas numa abordagem psicocrítica. Recife: Prazer de Ler, 2005.
- _____. **Malas que contam histórias**: propostas de actividades em contextos lúdicos de aprendizagem. Lisboa: Paulus, 2006;
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: história, teoria, análise. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. **Literatura**: arte, conhecimento e vida. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1984.
- ECO, Umberto. **Leitura do texto literário**. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1997.
- FILLOLA, Antonio Mendonza. "La literatura infantil y juvenil y el desarrollo del intertexto lector, 2001.
- FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MESQUITA, Armindo (coord.) **Pedagogias do imaginário**: olhares sobre a literatura infantil. Porto:

Edições ASA, 2002.

MORAIS, José Morais. **A arte de ler**. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

MURRAY, Roseana. **Território de sonhos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

LA TAILLE, Yves de. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afectivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Porto: Edições Asa, 1993.

PIAGET, Jean. **Le jugement moral chez l'enfant**. Paris: PUF, 1932/1992.

PORTILLO, J. **O museu do tempo**. Lisboa: Edições Kalandraka, 2005.

PIAGET, Jean. **La formation du symbole chez l'enfant**. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1968.

SARAMAGO, J. **As pequenas memórias**. Lisboa: Caminho, 2006.

SHAVIT, Zohar. **Poética da literatura para crianças**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

STEINER, George. **O silêncio dos livros**. Lisboa: Gradiva, 2003.



Recebido em: 12/09/2013

Aprovado em: 27/01/2014

Para referenciar este texto:

CAVALCANTI, Joana. Literatura infantojuvenil e formação para os valores: po(ética) de aproximação. **Lumen**, v. 22, n. 1, p. 58-73, jan/jun.2013.